



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

220 anos do Tratado de Badajoz e da posse das Missões pelos luso-brasileiros - 210 anos da Intervenção de Dom João na Banda Oriental - 200 anos do Tratado de Incorporação da Cisplatina ao Império - 190 anos da Abdicação - 190 anos da criação da Guarda Nacional - 180 anos da pacificação da Balaiada por Caxias - 170 anos do início da Guerra contra Oribe e Rosas - 160 anos da Questão Christie - 150 anos do Tratado de Paz com o Paraguai - 150 anos da Lei do Ventre Livre - 130 anos da 1ª Constituição Republicana - 120 anos do início da Revolução Acreana por José Plácido de Castro - 80 anos da criação do Ministério da Aeronáutica.

ANO 2021

Setembro

Nº 383

Pronunciamento do Ministro da Guerra em 10 Nov 1937, data da instauração do Estado Novo por Getúlio Vargas mediante o "Estado de Guerra" e o fechamento "a manu militari" do Congresso Nacional .

Para quem interessar possa, é possível fazer um paralelo não só com outras fases da vida nacional mas também com a que estamos vivendo.

*À interpretação de cada um.
Caminha.*

PROCLAMAÇÃO AO EXÉRCITO

Agitam-se os órgãos políticos da Nação em busca de uma fórmula que assegure a ordem material e a tranquilidade dos espíritos.

Anseia o povo por uma orientação que lhe perpetue o viver pacífico e laborioso, nos seus hábitos de disciplina e serenidade.

Aspiram as classes trabalhadoras à garantia do desenvolvimento normal de suas atividades produtivas.

Há, não há de negar, um desejo ardente de paz.

Não poderão, portanto, os raros prosélitos da desordem, os inveterados demolidores abalar o edifício nacional que o nosso patriotismo vai aprimorando em suas magníficas linhas.

Cabe, porém, ao Exército, cabe às Forças Armadas não permitir que essas aspirações de paz, de ordem, de trabalho sejam frustradas por eternos inimigos da Pátria e do regime.

Para isso é necessário uma orientação precisa, definida.

Paixões partidárias podem entrecocar-se. Conflitos ideológicos podem entrar em ebulição. Interesses pessoais e de agrupamentos podem ressoar em debates. Questões regionais podem ser trazidas à arena.

Tudo isso pode acontecer. Mas de tudo isso o Exército deve estar isento de contaminação.

Não lhe faltarão tentações maneirasas e inteligentemente arquitetadas. As suas virtudes serão exalçadas na lisonja dos sedutores.

Cumpra, porém, resistir.

Não lhe cabe, ao Exército, influir nos destinos políticos de que os políticos se incumbem. Não é esta a sua missão. Muito mais simples, nem por isso deixa ela de ser mais nobre.

Cumpra-lhe, neste momento de incertezas, salvaguardar os interesses da Pátria, fiel a esses postulados - obediência, disciplina, trabalho, instrução, serenidade, discricção, abnegação, renúncia, patriotismo em suma.

Se os arraiais da política se agitam em busca de uma solução que a todos satisfaça; se, na impossibilidade de atingirem o fim almejado, recorrem a medidas de exceção; se, descrentes dos ensaios esboçados, apegam-se a deliberações singulares - o espírito público contrasta em uma tranquilidade aparentemente paradoxal.

E isto por quê?

Porque o Exército, as Forças Armadas da Nação, mostram-se coesas e circunscritas às suas legítimas finalidades. Guardiãs da ordem interna, atentas e vigilantes, isentas de paixões e de ódios, prontas para atenderem ao primeiro comando dos chefes, é assim que a sociedade as vê e é por isso que nelas confia.

O panorama que se desdobra no cenário da política interna não foi por elas criado; os desacordos das facções em pugna não foram por elas fomentados; das impossibilidades de um entendimento entre os diferentes grupos não lhes cabe responsabilidade.

O que elas têm feito, o que continuarão a fazer, é oporem um dique às explosões que se preparam, é constituírem barreira às ambições partidárias, é expelirem do seu seio os elementos indesejáveis, é destruírem logo no início os menores surtos de desordem, é se mostrarem dispostas a não consentir que se transforme em campo de batalha o solo feracíssimo onde o trabalho estua, onde repousa a paz, onde a riqueza se avoluma e multiplica.

Como é do conhecimento geral, foi hoje promulgada uma nova Constituição Federal, estatuto que os órgãos competentes na matéria consideram melhor atender às exigências do momento atual.

Percebendo as lacunas e defeitos do estatuto de 1934, inspirado em princípios que colidem com a agitação mundial a que não podemos fugir, novos rumos são traçados ao nosso regime democrático, melhor aparelhado para a continuidade federativa.

Recebemo-lo dos órgãos nacionais habilitados pela missão política de que estão investidos. Só nos cabe acatá-lo, deixando que livremente sobre ele se manifestem, no ambiente de paz que nos cumpre manter, os órgãos da soberania nacional legitimamente autorizados.

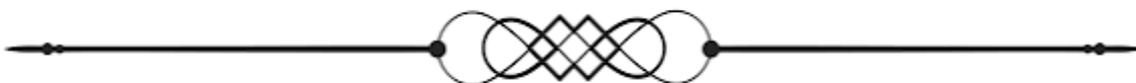
Qualquer perturbação da ordem será uma brecha para os inimigos da Pátria, para os adversários do regime democrático que nos congrega. Cumpra-nos evitá-la, exercendo com serenidade e com firmeza a missão que nos corresponde.

Se assim procedermos, em nós continuará confiável a sileira, garantia que somos de sua tranquilidade e teste; a Pátria e o regime repousarão sob nossa guarda. Teremos força e coesão para cumprir as atribuições que nos são próprias, em defesa da ordem interna, da integridade política, da soberania nacional.

É esta a nossa missão.

Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1937 - (a) EURICO GASPAS DUTRA, Ministro da Guerra". (A.M.D.)

Fonte: LEITE, Mauro Renault; NOVELLI JÚNIOR, Luiz Gonzaga. Marechal Eurico Gaspar Dutra - O Dever da Verdade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, p. 269.



A LITURGIA MAÇÔNICA E A BÍBLIA SAGRADA

Quem foi Hiram Abiff?

Conselheiro Federal do Grande Oriente do Brasil Hélio Moreira

A maçonaria é uma entidade filosófica, com grande envolvimento com a cultura e que se comunica com os seus membros, preferencialmente por intermédio de símbolos. Não se sabe ao certo qual é a sua origem; muitos historiadores querem localizá-la há milhares de anos, nos tempos pré-bíblicos, existindo muitas informações e também lendas a este respeito, algumas dignas de fé, outras nem tanto.

É importante frisar que toda e qualquer discussão a respeito da Ordem Maçônica sempre envolverá aspectos atinentes ao rico e complexo simbolismo das suas movimentações, normalmente hermético para o não iniciado na Instituição, o que leva a especulações.

O nome Hiram Abiff é um destes nossos símbolos, cujos feitos tornaram-se uma lenda (transmissão de eventos históricos por via oral), como está registrado na Bíblia Sagrada, ou seja, sua ligação com a construção do Templo de Salomão e a sua morte em condições trágicas.

Tentarei esmiuçar estes relatos; neste texto, pela limitação do espaço que é gentilmente concedido pela direção do jornal DM, irei me ater, somente, à figura do homem Hiram e na próxima semana tecerei considerações a respeito dos seus feitos, principalmente a sua participação na construção do Templo de Salomão e a causa da tragédia da sua morte.

Antes de tudo preciso deixar bem claro que os leitores iniciados na Ordem Maçônica, tangidos pelo coração, sabem quem foi e o que representa a lenda Hiram. A busca da sua identidade material, que timidamente nos propomos a fazer, transcende este impacto inicial e leva-nos à procura de fatos históricos reportados no velho Testamento.

Inicialmente vamos verificar o que a Bíblia diz a respeito deste personagem, conforme é do conhecimento de todos os maçons, acrescentando o relato feito pelo Pastor da Igreja Anglicana da Inglaterra, J.S.M. Ward, no seu livro "Who was Hiram Abiff? - Quem foi Hiram Abiff?", publicado em 1925 em Londres e posteriormente reeditado pela London Lewis Masonic em 1986, que baseou suas pesquisas na Palestina, quando comparou os relatos bíblicos com relatos profanos e, principalmente, estudou as raças que habitavam a Síria e a Ásia Menor na época da construção do Templo de Salomão.

Dentre outras publicações, foram consultados três outros importantes livros:

- The History of Freemasonry - A História da maçonaria, de Albert Mackey, publicado pela primeira vez em 1881 e reeditado em 1996 por Random House Value Publishing, N.York;
- (The Secrets of Solomon's Temple - Os Segredos do Templo de Salomão, de Kevin L. Gest. Gloucester, USA, 2007); e
- o fabuloso (The Builders - A story and study of freemasonry - Os Construtores, a História e o estudo da maçonaria, de Joseph Fort Newton, Virginia-USA, 1914.

Está descrito na Bíblia, (2 Crônicas 2:13-14) que Salomão, pretendendo levar adiante a ideia de Davi, seu Pai, de construir um Templo em louvor ao nome do Senhor e um Palácio para sua morada, solicitou auxílio de Hiram, rei de Tiro.

Além da ajuda material (madeira de cedro, cipreste e pinho do Líbano) Salomão pediu, também, que lhe fosse enviado um "homem sábio", que provavelmente ele já sabia quem seria, para comandar a construção.

O Rei Hiram enviou-lhe um "comunicado", enaltecendo a sabedoria e a inteligência, do seu indicado, um seu homônimo, que era Hiram Abiff.

Ainda se lê em (2 Crônicas 2:13-14), que neste mesmo "comunicado" o rei Hiram faz uma descrição detalhada da capacidade laborativa de Hiram:

"Trata-se de um homem que sabe trabalhar em ouro, em prata, bronze e ferro, pedra, madeira, púrpura, jacinto, linho, escarlata, lã, todo gênero de escultura e é capaz de inventar, engenhosamente, tudo o que seja necessário para qualquer trabalho e trabalhará com os teus artistas e com os artistas do teu Pai".

Em (I Reis) estão bem especificados os trabalhos desenvolvidos por Hiram no Templo; são enumeradas todas as obras por ele realizadas, com destaque para duas colunas de bronze que, depois de construídas, ele as denominou de Jaquim e Booz e estavam colocadas, respectivamente, à direita e à esquerda da entrada do Templo, representando Judá e Israel, os dois Reinos que foram unificados por David, pai de Salomão.

Existem duas versões Bíblicas para a origem deste Arquiteto Hiram Abiff; em (II Crônicas) está escrito que ele era filho de uma tribo denominada Dan, enquanto que em (I Reis) ele é tido como filho de uma mulher viúva, originária da tribo de Naftali. Se consultarmos os tratados de arqueologia, iremos verificar que estas duas tribos, Dan e Naftali, estavam situadas nas redondezas de Tiro.

Para dar mais veracidade a esta afirmativa, deve-se salientar que as duas versões Bíblicas afirmam que Hiram teria sido um homem que morava na cidade de Tiro.

Este relato é muito significativo porque Tiro era um dos centros de trabalho da região de Adonis, portanto um local de conglomerado populacional.

Os testemunhos conflitantes acerca da identificação da tribo a que sua mãe pertencia, pode ser explicável pelo fato de que talvez ela não fosse uma judia propriamente dita, porém era oriunda de uma outra tribo de difícil localização nos mapas atuais.

Aos olhos da maioria dos historiadores é interessante manter a afirmação de que o grande Arquiteto do Templo de Salomão tinha sangue judeu nas veias.

Dentro dos conhecimentos atuais, talvez deveríamos considerar que ela realmente pertencia a uma tribo denominada "Dan", senão vejamos:

"Dan", naquela época, era dividida em duas sessões; uma de pequena dimensão que era separada da parte principal e estava localizada à direita da tribo de Naftali e entre os seus vizinhos fenícios, os habitantes dessa sessão seriam considerados como oriundos de uma tribo da fronteira, sem uma especificação correta, até pelas dificuldades topográficas e de localização. É necessário salientar que a maioria das pessoas daquela época, nasciam e morriam em um mesmo lugar, sem nunca arriscar uma viagem mais longa e a comunicação era exclusivamente verbal.

Por onde ela passou, justamente a tribo que os judeus mais conheciam, que era a tribo Fenícia, denominada de Naftali, dá-nos a impressão de que a mãe de Hiram Abiff era viúva

(Reis 1:7-13); baseados nestas observações, os maçons estão acostumados a se denominarem de "filhos da viúva", uma vez que consideramos Hiram Abiff nosso irmão.

Não há dúvida de que o pai de Hiram era um Fenício de quem aprendeu a profissão.

Está claro que o maior número de trabalhadores que ele requisitou, quando foi chamado para construir o Templo de Salomão, são os Fenícios que ele conhecia.

Definida a sua origem, podemos discutir o porque do seu nome.

O nome Hiram Abiff ainda causa controvérsia entre os estudiosos da maçonaria e das escrituras sagradas; parece que Abiff não seria, propriamente, parte do seu nome, pois Ab em Hebreu significa (Pai), a letra (i) teria o significado de (meu) e (if) significa, também, (meu), portanto o nome Hiram Abiff deveria ser traduzido por (Hiram, meu pai).

É necessário acrescentar que entre os Hebreus a expressão (Pai) significava uma honraria, pessoa proeminente a ser assim nominado, podendo significar, também, (Hiram, meu conselheiro), como afirma o Dr. Mc Clintock (citado no livro "The History of Freemasonry").

É interessante salientar que em (I Reis), não é feita referência a este segundo nome de Hiram, sendo encontrado somente em (II Crônicas).

Na verdade, para a maçonaria, o nome Hiram é o representante abstrato da ideia de um homem trabalhando no Templo da humanidade, cavando masmorras ao vício e construindo catedrais à virtude e contentamos em nominá-lo "O Arquiteto", o pedreiro que construiu o Templo de Salomão.

Notas do editor:

(1) consultados dois pesquisadores maçons, um deles acredita que esses conhecimentos de arquitetura são provenientes da planta do Templo de Salomão. Os indícios que induzem a acreditar nessa hipótese é que, até hoje, as colunas que são reproduzidas em algumas obras, como exemplo, na Capela de Rosslyn, (elas) são similares às colunas que existiam na entrada do Templo Sagrado. O outro pesquisador diz que essa história do Hiram "é uma das 'lendas' da maçonaria" e, considerando que existe uma passagem na Bíblia que cita Hiram Abiff, ironiza dizendo que "na Bíblia se fala em parábolas...".

(2) A Enciclopédia Barsa, edição de 1977, volume 8, diz o seguinte:

é muito discutida a origem da maçonaria. Alguns autores situam-na nos primórdios da Antiguidade oriental; outros admitem como fundador Hiram-Abif, arquiteto do templo de Salomão; para outros, deriva dos mistérios do Egito ou da Grécia ou, ainda, das corporações operárias criadas por Numa, em 715 A.C. Considera-se, entretanto, mais provável seja ela um desenvolvimento das confrarias medievais de pedreiros-livres, especialmente da Inglaterra. No início do séc. XVII, começaram algumas lojas a admitir pessoas estranhas à Arquitetura. Com o tempo, assumiram as lojas caráter puramente simbólico, conservando-se, porém, os símbolos antigos, representados pelo avental, o esquadro e o compasso, além de outros, cujo sentido só os iniciados conhecem. Em 1717, fundou-se em Londres a primeira Grande Loja simbólica. Em 1723, as "Constituições dos Maçons", do Pastor James Anderson, dão à ordem seu caráter secreto e místico. Daí em diante, multiplicam-se as lojas: da Inglaterra passam ao continente e ao resto do mundo. A ela aderem os membros das classes mais elevadas, atraídos por seu ideal de liberdade e fraternidade. Assim, malgrado sua feição mística, tornou-se a Maçonaria propagandista do racionalismo filosófico do séc. XVIII. Os papas a condenaram. Importante foi seu papel na independência das nações americanas.

(3) Conforme o historiador Dr. Moacyr Flores, ex-professor da PUCRS, em seu livro FLORES, Moacyr. Dicionário de História do Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 374:

MAÇONARIA. Do francês *maçonnerie*: a sociedade de pedreiros-livres. A partir da confraria dos pedreiros, surgiu a Maçonaria na Inglaterra em 1717, difundindo-se pelo mundo. Alguns inconfindentes de Vila Rica eram maçons. Em fins do séc. XVIII, em Pernambuco, fundaram o Areópago de Itambé e outros clubes secretos como a Academia do Cabo, a Loja Restauração, a Academia do Paraíso e a Academia dos Suassunas, sem as características maçônicas, mais como centro de discussões de ideias. A primeira loja maçônica filiada ao Grande Oriente da França foi instalada em Salvador, BA, em 1801, com o título de Reunião. Em 1802, fundaram em Salvador a loja Virtude e Razão, no rito escocês e outra com o nome de Humanidade, em 1807. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e Silva criou no Rio de Janeiro o primeiro Grande Oriente Brasileiro, que funcionou de 1813-17. Em 1814 surgiu a Loja Maçônica Patriotismo em Pernambuco, fundada pelo português Domingos José Martins, que também criou outras no MA, CE e BA. Antônio Gonçalves da Cruz, o Cabungá, fundou as lojas Pernambuco do Oriente e Pernambuco do Ocidente. Em 1817 foram proibidas sociedades secretas no Brasil, com confisco dos bens e pena de morte aos filiados. Em 20.5. 1822 José Bonifácio de Andrada e Silva fundou o Grande Oriente do Brasil, que logo foi fechado por D. Pedro I, ressurgindo em 1831, tendo José Bonifácio como grão-mestre, passando a se chamar Grande Oriente do Lavradio, por estar instalada na rua desse nome. Uma dissidência, liderada pelo senador Vergueiro, fundou o Grande Oriente Brasileiro da rua do Passeio. Em 1863, nova cisão no Grande Oriente do Lavradio, surgindo o Grande Oriente dos Beneditinos. Em 1927, houve nova crise e o Supremo Conselho do Rito Escocês rompeu com o Grande Oriente do Brasil.

(4) Parece-nos que, salvo melhor juízo, o caráter secreto da maçonaria viria dos segredos da construção de prédios, mantidos e guardados pelos primeiros construtores na idades antiga e média, ou seja, os primeiros maçons, e que depois se reuniram em guildas também secretas. Da Inglaterra e da França, o movimento (se é que é possível assim chamar) maçônico se espalhou pelo mundo, e continua. O nome vem de "maçon", "mason" ou até mesmo "masonry".



O SOLDADO BRASILEIRO (um perfil psicológico)

- Valiosa contribuição do Membro-Efetivo Cel Art EM Edmir Mármora Júnior -

Os três trechos selecionados tratam do Sd brasileiro e, embora separados por setenta e dois anos, guardam inequívocas semelhanças entre si. Os autores - um civil e dois militares - são altamente respeitados e foram testemunhas dos eventos analisados; todos, por conseguinte extremamente habilitados para esboçar os traços psicológicos que caracterizam o soldado brasileiro.

CADEIRA DE HISTORIA MILITAR - AMAN - 1982

OS SERTÕES (EUCLIDES DA CUNHA - 1904)

Seguem para a batalha como para algum folgado turbulento. Intoleráveis para a paz que os molifica e relaxa; inclassificáveis nas paradas das ruas, em que passam seu garbo, sem aprumo, corcundas sob a espingarda desastradamente manejada, a guerra é o seu melhor campo de instrução e o inimigo o instrutor predileto, transmutando-os em poucos dias, disciplinando-os, enrijecendo-os, dando-lhes em pouco tempo, nos exercícios extremados da marcha e do combate, o que nunca tiveram nas capitais festivas - a altivez do porte, a segurança do passo, a precisão do tiro, a celeridade das cargas. Não sucumbem à provação. São inimitáveis no caminhar dias a fio pelos mais ásperos caminhos. Nenhum se lhes emparelham no resistir à fome, atravessando largos dias "à brisa", segundo o dizer de seu jargão pitoresco. Depois dos mais angustiosos transeos vimos troçarem, rindo, com a miséria que os cercava.

No combate, certo, nenhum é capaz de entrar e sair, como o prussiano com um odômetro preso à bota - é desordenado, é revoltoso, é turbulento, é um garoto heroico e terrível, arrojando contra o adversário, de par com a bala ou com a pranchada, um dito zombeteiro e irônico...

Quando o inimigo lhe chega à ponta do sabre, bate-se sem rancor, mas estrepitosamente, fanfarrão, folgando entre as cutiladas e as balas, arriscando-se loucamente, barateando a bravura.

Fá-lo porém de olhos fixos nos chefes que o dirigem e de cuja energia parece viver exclusivamente. De sorte que a mínima vacilação daqueles, têm de chofre extintas todas as ousadias e cai num abatimento instantâneo salteado de desânimos invencíveis.

PENSAMENTO MILITAR DE CASTELO BRANCO (1968)

As unidades de combate e de serviço da FEB não eram constituídas de um só tipo de homem. Na Itália, combateram todos os tipos de brasileiros...
Era, então, bem o Brasil. E todos democraticamente reunidos, irmanados em uma mesma fileira.

...A FEB não sentia o problema racial que se refletia na organização militar americana. Mas a FEB defrontava-se com problemas de instrução, de disciplina e de moral. Dentro dela estava o nosso homem, com todas as qualidades e defeitos do brasileiro. Não sabia o que era a guerra, nem estava psicologicamente preparado para fazê-la. Podemos perceber tal despreparo através da compreensão do significado do distintivo da FEB - "COBRA FUMANDO".

Esta expressão surgiu durante a organização da FEB no Brasil. Seus inimigos diziam que "era mais fácil uma cobra fumar do que a FEB combater".

E quando ela combateu, isto é, quando começou a se afirmar, achou naquela expressão um símbolo de afirmação, uma resposta a seus inimigos do Brasil.

A cobra fumando passou a ser um motivo de orgulho do combatente brasileiro.

Todavia o fato demonstra que era muito desfavorável o ambiente no Brasil para a preparação psicológica do nosso combatente, cuja formação moral foi assim prejudicada.

Não obstante, antes do combate o nosso homem fazia seus planos com destemor e mesmo alguma bravata.

E veio o combate, o fogo, o alemão.

As máscaras se desfizeram, caem.

O brasileiro ficou transparente, natural como ele é: resistente na provação, mais ou menos fraco fisicamente na ação. No começo, sua fantasia e sua imaginação trabalharam mais que sua ação.

Veio o boato. O soldado brasileiro mostrou-se impressionável. Para ele, o inimigo era sempre o super-homem. E ele, um inferior. Não tinha propriamente medo, mas receio de lutar. Daí a ansiedade que demonstrava antes do combate. Depois, marchava e enfrentava o inimigo.

Veio a verdade. Veio a derrota de Monte Castelo. Nas ações de inverno começou o seu endurecimento. Tornou-se um combatente. Acabou nele o fanfarrão. E desenvolveu uma solidariedade imensa no combate. Mas, fora desse, ficava esperando sempre que outros cuidassem de si.

A adaptação ao combate e o tirocínio adquirido durante o inverno pelo soldado brasileiro, levaram-no à vitória magnífica de Monte Castelo.

Daí em diante adquiriu grande confiança em si e nos chefes. Ganhou, vigor físico. E passou a cumprir bem qualquer missão.

TRINTA ANOS DEPOIS DA VOLTA (Gen OCTAVIO COSTA - 1976)

Conheci o nosso pracinha na velha São JOÃO DEL REI, quartelamento de tempo de paz do meu Regimento, o ONZE...

Lembro-me da chegada, à cidadezinha pacata, de um contingente de quase dois mil homens vindos da capital mineira. Extravasavam pelos bares da pequena S. JOÃO, em queixas, arruaças, tropelias, a forma inesperada com que foram arrancados de suas cidades e do seu conforto. Ao vê-los, tremi de pensar que aqueles seriam os nossos combatentes.

Foi conhecê-los melhor no extraordinário poder de adaptação às atividades de preparação para a guerra. Conheci-os em sua rusticidade e em sua paciência, conheci-lhes o entusiasmo, a inteligência e a sensibilidade.

No Rio de Janeiro conheci os paulistas do 6º e os cariocas do SAMPAIO. O mesmo homem, a mesma simplicidade, a mesma mofa, a mesma zombaria; a paciência e a coragem, a tenacidade, o informalismo e a espontaneidade. A mesma solidariedade racial.

Vi-os depois vencer todas as suas limitações.

Vi-o no ventre de um transporte de guerra que levava seis mil homens empilhados, ajustar-se à férrea disciplina de bordo e superar, nos exercícios de salvamento, as marcas de tempo e perfeição de todas as tropas que o navio já conduzira.

Vi-o chegar à Nápoles e comover-se com a multidão faminta a disputar uma ponta de cigarro.

Conheci-o melhor nos duros exercícios de combate, que fazia como um jogo, com o gosto da competição, só para mostrar ao estrangeiro o valor da nossa gente.

Vi-o marchar, na madrugada e na lama, para o combate. Conheci-o no heroísmo e no pânico, na euforia e ao desalento - toquei-lhe a dimensão inteira do coração.

Vi-o fazer, dos italianos que viviam na terra de ninguém, gente como sua gente, sangue do seu sangue. Escutei-lhe, tantas vezes, no silêncio das noites da frente de combate, suplicar, em lamento fundo: "vem rolando, BRASIL".

Vi-o enfrentar a lama, o frio e a neve. Vi-o dar de presente o coturno ao italiano desprovido e ficar só com a galocha, forrada de palha e papel.

Vi-o nos ataques fracassados à Monte Castelo, ansioso por voltar a atacar.

Vi-o ensinar os alpinistas da 10ª de Montanha, a fazer patrulha.

Vi-o morrer tentando buscar o corpo do companheiro.

Vi-o como tigre, arremeter contra Castelnuovo e Montese, para, depois, conduzir os prisioneiros como crianças amigas, a quem tudo se dá.

Vi-o contando mentiras e piadas.

Vi-o sofrer de verdade pela carta que não veio.

Para mim, nossa porção maior de vitória eu a conheci na confiança no homem brasileiro, que outro não há melhor, mais inteligente, mais rústico, mais sensível, mais humano, mais gente.

Gente de todas as terras, gente de todos os sangues, condições, matizes e dimensões.

Gente diversificada, heterogênea, desigual, inquieta.

Gente movimentada, aberta e colorida: ativa, musical, humana e viva.

Gente transparente, transpassada de uma nova luz.

Sangues misturados, sangues renovados, sangues ardentes - sangue que acende a substância de um homem melhor sobre a terra, um homem que estende a mão ao outro - seu irmão.

O anseio, o imprevisto, o repente. O brilho, a chama. O bom, o alegre, o simples.

A mão que faz, que serve, que cuida e que perdoa.

O Soldado brasileiro.



Acesse o novo texto do Cel Vogt A ENGENHARIA DO EXÉRCITO no blog
www.escritorcfvogt.blogspot.com.br

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
(lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE

- Delegacia Heróis de Guararapes:

<http://historia-patriota.blogspot.com/>.